

Brasília é Capital nova que tem velhos problemas

Brasília (Sucursal) — O privilégio de morar na Capital mais moderna do mundo envolve hoje — 14 anos após sua inauguração — também vários problemas e desvantagens, embora a maioria dos habitantes considere o saldo como favorável à cidade, que instituiu um modo diferente de se viver.

Pequenas pragas, ratos, mosquitos e baratas, são incômodos problemas para o brasiliense e começam a preocupar também as autoridades, que, até hoje, não conseguiram acompanhar com o atendimento pronto o crescente volume de necessidades da população.

NOS EXTREMOS

Embora Brasília ofereça excelentes escolas, parques, jardins, ar puro, playgrounds, clubes e outras vantagens que tornam a vida das crianças a melhor em todo o continente — já se disse que ela é uma cidade para crianças — também as ameaças com os perigos de um trânsito agitado, com eixos de alta velocidade; com uma umidade do ar excessivamente baixa e responsável por um elevado índice de desidratação nos meses mais secos; e com os constantes surtos de doenças contagiosas, como ocorre atualmente com a meningite.

Os pais reclamam principalmente a falta de guardas em todos os cruzamentos para pedestres nas entroncadas, que são os locais de travessia dos filhos que vão à escola. Ao mesmo tempo enfrentam os altos custos do ensino no terreno privado, embora as superlotadas escolas públicas sejam gratuitas e recebam apenas a taxa relativa à merenda escolar, fornecida em todas elas.

SERVIÇOS

Os serviços são muito caros em Brasília. Conseguir um bombeiro, um electricista ou um pedreiro para um simples conserto em casa é tarefa difícil, principalmente porque a mão-de-obra nesse setor é escassa. E, além de tudo, os preços cobrados são muito altos, contrastando com os serviços públicos, cujas tarifas, como as de água, luz e telefone, não são consideradas exorbitantes pela maioria dos moradores. Seu inimigo econômico maior é o Imposto Territorial Urbano, que sobe a cada ano, numa progressão considerada exorbitante.

O transporte é outra questão difícil, embora a maior parte dos habitantes do Plano Piloto tenha carro, e muitos possuam mais de um. Não há um sistema de microônibus ou outro qualquer que permita uma movimentação fácil dentro do Plano Piloto. Por isso, para atravessar da Avenida W-3 (as domésticas a chamam de Diabo Três, por

causa do tráfego) para as superquadras do outro lado do Eixo, a pouco mais de 550 metros, o brasiliense é obrigado a tomar um ônibus que o leva por uma viagem de 10 quilômetros, já que corre paralelamente aos eixos das asas que formam a cidade, não havendo viagens que os cruzem. Isso importa em perda de tempo, razão pela qual é defendida a adoção de microônibus que ziguezagueiem por entre os túneis que passam sob o Eixo Rodoviário, interligando os setores Leste e Oeste.

EMPREGADAS

Para a dona-de-casa, além das filas do leite e da carne, um dos queixumes maiores é o da dificuldade de conseguir empregadas domésticas. A intensa procura inflacionou os salários, ao mesmo tempo em que aumentou o contingente das que não possuem capacidade para o comando de uma cozinha. Uma dona-de-casa da Superquadra 108 testou, durante dois meses, 28 domésticas indicadas por uma agência de empregos, todas cobrando salários acima de Cr\$ 350,00, e nenhuma delas serviu.

Um costume das famílias nos primeiros tempos de Brasília era o de trazerem empregadas dos seus Estados de origem. Mas estas, geralmente eficientes, eram logo arrastadas pelas ofertas tentadoras de maiores salários, abandonando os patrões.

Para quem mora no lago a situação é pior. O isolamento das casas, a falta de diversão e mesmo de comunicação entre vizinhos faz com que as domésticas recusem ofertas de até Cr\$ 1 mil por mês, preferindo os apartamentos e casas da Asa Sul, onde o movimento está próximo.

RATOS E POLUIÇÃO

A poluição, ausente do ar, já está presente do lago Paranoá, o grande atrativo de lazer da cidade. Produtos químicos, adicionados ao tratamento das águas do sistema de esgotos da cidade, são lançados no lago e desenvolveram algas em excesso. O apodrecimento dessas algas produz gases que são letais aos peixes. Por isso, mesmo para tomar banho e pescar o lago não é recomendável e os peixes ali existentes não passam de pequenos espécimes de cinco a 10 centímetros. Um contingente de 2 mil alevins de tucunaré foi lançado recentemente nas águas para promover um equilíbrio das espécies, prometendo, a longo prazo, melhorar a situação.

O desmatamento da área urbana de Brasília provocou a extinção das cobras, lagartos e outros elementos da fauna que se alimentavam de ratos. Esse desequi-

líbrio biológico, numa cidade que não tem gatos, deu margem a um desenvolvimento excessivo dos roedores, que são vistos em quantidade em todo o Plano Piloto, atravessando as ruas ou nos jardins das superquadras. Até a esterilização dos ratos machos, mediante radiação, já foi proposta para evitar essa proliferação que é hoje uma das pragas maiores de Brasília.

O MAL DO SÉCULO

Considerado o mal do século, o trânsito contaminou Brasília. Construída para não ter cruzamentos, sinais luminosos, engarrafamentos ou problemas de estacionamento, a cidade, em 14 anos, tem no trânsito um dos seus maiores inconvenientes.

Com um carro para cada quatro habitantes, o Plano Piloto está congestionado. A Av. W3 oferece um engarrafamento de trânsito, nas horas de maior movimento, digno do Rio ou de São Paulo. Os eixos internos, estreitos e ondeados, também não dão mais vazão ao movimento, ao mesmo tempo em que a cidade se transforma, nos setores comercial, bancário, de saúde, autárquico e administrativo, num grande estacionamento.

Os edifícios do setor comercial, na sua quase totalidade com 13 andares, não possuem garagens subterrâneas, cabendo a cada dois deles um estacionamento para pouco mais de 15 carros. Arranjar vaga para estacionar tornou-se um problema. Junto ao Congresso Nacional, que possui três grandes parqueamentos, os carros formam filas imensas, ao longo das pistas de acesso, por falta de vagas. Só agora é que dois grandes prédios estão sendo construídos no setor comercial, com estacionamentos no sub-solo, um deles com dois pavimentos. Mas não serão suficientes nem mesmo para o número de usuários de suas salas e lojas.

PRESENÇA DO TRABALHO

A falta de habitações forçou as empresas públicas e privadas, como os próprios Ministérios e autarquias, a construir blocos de apartamentos para os seus servidores. O resultado é que, depois de passar o dia envolvido com o trabalho, convivendo com os companheiros de profissão, o brasiliense volta para casa para encontrar novamente, em toda a vizinhança, em muitas superquadras, os mesmos colegas, os mesmos assuntos e a presença do trabalho nas horas de descanso e lazer.

**Leia
editorial
"Evolução
de Brasília"**